

# TRADUTORES DE MACHADO DE ASSIS: VOZES NA HISTÓRIA DA TRADUÇÃO

## *MACHADO DE ASSIS' TRANSLATORS: VOICES IN THE HISTORY OF TRANSLATION*



Válmi HATJE-FAGGION\*  
Universidade de Brasília

**Resumo:** A contribuição de tradutores no fomento de obras de Machado de Assis (1839-1908) em inglês tem se mostrado bastante relevante desde os anos 1920, se intensificou nos anos 1990 e continua em expansão no século XXI. Entretanto, pouco se sabe sobre as motivações que levaram os tradutores a se empenhar em elaborar obras desse escritor para o inglês. Os depoimentos dados por diferentes tradutores podem fornecer informações importantes e até mesmo curiosas sobre as razões subjacentes à publicação de uma tradução em outra cultura (BASSNETT, 1993; 1998). Eles podem evidenciar, por exemplo, como e por que os tradutores formularam sua tradução, suas concepções de tradução e como seus procedimentos podem constituir um discurso e uma (micro) história sobre o tradutor e o traduzir (MUNDAY, 2013; 2014). Neste ensaio, aborda-se a história da tradução e do tradutor para o inglês de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, a partir de textos suplementares (NEWMARK, 1988) ou de fontes textuais primárias (MUNDAY, 2013) dos dois tradutores americanos relacionados à referida tradução. Esses textos incluem, entre outras informações, as entrevistas pessoais concedidas pelos tradutores William L. Grossman e Gregory Rabassa. Serão considerados, mais especificamente, esses dois tradutores americanos de romances de Machado de Assis com base nos estudos descritivos da tradução e do tradutor. Os dados obtidos pela voz dos tradutores em diferentes textos suplementares revelam diversas motivações (marketing, poética, ideologia e cultura) na elaboração da tradução de *Memórias póstumas de Brás Cubas* publicada nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Brasil (em inglês).

**Palavras-chave:** Entrevistas de tradutores. Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. História da tradução. História do tradutor.

**Abstract:** *Translators' contribution to make works by Machado de Assis (1839-1908) available in English translation has shown to be very relevant since the 1920s, and has been intensified in the 1990s and continues growing in the twenty-first century. However, little is known about what motivated translators to produce translations into English of that writer's work. The statements given by different translators can provide important and even curious information regarding the reasons of why a translation is published in another culture (BASSNETT, 1993, 1998). These statements can, for example, indicate how and why translators rendered their translations, what their conceptions of translations are and also how their strategies can constitute a discourse and a (micro) history about the translator and the translating process (MUNDAY, 2013, 2014). In this essay the history of those two American translators of the translation of Memórias póstumas de Brás Cubas by Machado de Assis into English will be looked at from the perspective of additional texts (NEWMARK, 1988) or primary textual sources (MUNDAY, 2013). These texts include, among others, the interviews of the American translators William L. Grossman and Gregory Rabassa. It will consider these two American translators of Machado de Assis' novels and will take into account the Descriptive translation studies of translation and of the translator. According to the voice of the translators in the different additional texts approached, it can be stated that different reasons (marketing, poetics, ideology and culture) play a role with regard to the production and publishing of Memórias póstumas de Brás Cubas in the United States, United Kingdom and in Brasil (in English).*

**Keywords:** *Translators' interviews. Machado de Assis. Memórias póstumas de Brás Cubas. History of the translation. History of the translator.*

## Introdução

A contribuição de tradutores no fomento de obras do renomado escritor brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), em inglês, tem se mostrado bastante relevante desde os anos 1920, se intensificado nos anos 1990, e continuado em franca expansão no século XXI.<sup>i</sup>

Gregory Rabassa (2005, p. 107)<sup>ii</sup>, salienta que “Machado começou a receber o seu merecido reconhecimento com o surgimento das traduções de suas obras, mas demorou muito para isso acontecer.”

Importante notar que Giovanni Pontiero (1997, p. 49)<sup>iii</sup>, tradutor britânico de literatura brasileira para o inglês, destaca que a promoção de escritores luso-brasileiros tem estado muito nas mãos de acadêmicos e tradutores devotos da literatura luso-brasileira. No entanto, esse autor destaca que vários agentes literários na Europa e nos Estados Unidos estão contratando autores brasileiros. Além disso, mecanismos institucionais no Brasil começam a disponibilizar serviços de informação para editoras e acadêmicos no exterior, bem como remuneração para obras de reconhecido mérito, promovendo, assim, a sua cultura de forma séria.

Em 2012, a Fundação Biblioteca Nacional do Brasil lançou o projeto de tradução de obras brasileiras, visando a investir mais de US\$ 30 milhões em bolsas de tradução, programas de residência para tradutores, participação em feiras de livros internacionais e promoção de escritores brasileiros no exterior.

Em 1951, William L. Grossman traduziu para o inglês *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e o publicou pela São Paulo editores, no Brasil. Esse foi o primeiro romance de Machado de Assis traduzido para o inglês, e o caso curioso dessa obra é que ela foi publicada em São Paulo, com o patrocínio do próprio tradutor (SCHNEIDER, 1952, p. 4).

Ao longo das décadas de 1950 e 1990, novas traduções ou retraduições dessa obra e de outras (romances e contos) de Machado de Assis foram sendo publicadas em países de língua inglesa.

No começo do século XXI, particularmente em 2008, com a comemoração do centenário da morte de Machado de Assis (instituído pela Lei nº 11.522, de 18 de setembro de 2007), as traduções de obras desse autor para o inglês foram intensificadas e publicadas por

---

HATJE-FAGGION. *Tradutores de Machado de Assis: vozes na História da Tradução. Belas Infieis*, v. 6, n. 2, p. 53-70, 2017.

editoras como a Oxford University Press e a Bloomsbury. No entanto, embora as traduções estejam se renovando com frequência (retraduções, novos tradutores, reimpressões, novas edições, novas editoras em diferentes países de língua inglesa), pouco se sabe sobre as motivações que levaram os tradutores a se empenhar em elaborar obras para o inglês desse grande clássico escritor brasileiro que é Machado de Assis.

Neste ensaio, abordam-se essas motivações na história do tradutor e da tradução para o inglês de *Memórias póstumas de Brás Cubas* por William Leonard Grossman e Gregory Rabassa, seus dois tradutores dos Estados Unidos, a partir de textos suplementares (NEWMARK, 1988), ou de fontes textuais primárias (MUNDAY, 2013; 2014), ou paratextos (GENETTE, 1997). São abordados os prefácios e as notas de rodapé para as edições, bem como as afirmações em entrevistas e publicações de autoria desses dois tradutores.

Como já mencionado, Grossman é o primeiro tradutor de romances de Machado de Assis para o inglês, e também tradutor de contos (com Helen Caldwell, *The psychiatrist and other stories*, 1963) desse escritor. Já Rabassa traduziu dois romances, *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1997) e *Quincas Borba* (1998), que foram publicados pela Oxford University Press.

Grossman e Rabassa se manifestaram em diferentes ocasiões – em suas traduções (no próprio texto traduzido ou em textos adicionados a ele), em entrevistas e em seus ensaios sobre tradução, enfim, em textos suplementares diversos, que revelam muito da função e do papel desses tradutores enquanto agentes iniciadores, facilitadores e, sobretudo, perpetuadores da obra de Machado de Assis em traduções publicadas no mundo de língua inglesa. Esses textos incluem particularmente duas entrevistas que são examinadas neste ensaio. A entrevista concedida por Grossman a Otto Schneider (1952) e a entrevista pessoal concedida por Rabassa a Válmí Hatje-Faggion (2001).

O tradutor tem um papel fundamental no processo de tradução de uma obra literária. No texto traduzido e publicado estão presentes as marcas da prática do tradutor, que podem revelar aspectos sociológicos, linguísticos, culturais, ideológicos e econômicos que estão envolvidos e que tornam esse processo extremamente complexo. Muitas vezes os traços dessa prática tradutória podem ser rastreados também em textos que tratam sobre o texto traduzido, ou o texto elaborado pelo tradutor para suplementar o texto traduzido, ou textos para serem veiculados em outras modalidades (revistas, conferências, entrevistas, jornais, livros, ensaios, resenhas). Esses textos suplementares podem ser fontes bastante úteis em termos de obtenção de dados e, inclusive, de conceitos que subjazem à prática tradutória e à história do tradutor.

Susan Bassnett (1998, p. 109-110)<sup>iv</sup> salienta que um campo rico a ser melhor explorado são as afirmações dos tradutores, não apenas nos prefácios para as edições mas também em cartas e revistas. Segundo Bassnett, este tipo de texto ainda é considerado periférico, mas muito útil para mapear estratégias usadas pelos tradutores para se ter uma base dos critérios empregados por dada cultura em dado momento de tempo. Além disso, ainda de acordo com Bassnett (1993), os depoimentos dados por diferentes tradutores podem fornecer informações relevantes sobre as razões subjacentes à publicação de uma tradução para outra cultura. Esses depoimentos podem revelar, por exemplo, como e por que os tradutores formularam sua tradução, suas concepções de tradução e como seus procedimentos tradutórios podem constituir um discurso sobre o traduzir e sobre o tradutor.

Peter Newmark (1988, p. 93) recomenda a elaboração de textos suplementares para a tradução de obras importantes e sugere que, ao traduzir uma obra assim, o tradutor deveria escrever um prefácio e notas para abordar o uso e o significado das palavras escolhidas pelo autor. Newmark ainda ressalta que “a ilusão artística da inexistência do tradutor é desnecessária.” Entretanto, curiosamente nem sempre (aliás, em poucas ocasiões) os tradutores de obras literárias, e este é o caso nas traduções de Machado de Assis para o inglês da maioria dos tradutores, tratam do processo tradutório nos seus textos suplementares que adicionam à tradução publicada (HATJE-FAGGION, 2001).

Newmark (1988, p. 90-91) destaca que a informação a ser acrescentada pelo tradutor no texto traduzido normalmente considera questões de ordem cultural, técnica ou linguística, e está ligada às necessidades do leitor do texto traduzido em oposição ao leitor do texto de partida. Newmark (1988, p. 92) enumera quatro “métodos” para suplementar informação dentro ou fora do texto traduzido: (1) *Within the text* (dentro do texto); 2) *Notes at bottom of page* (notas de rodapé); 3) *Notes at end of Chapter* (notas no final do capítulo); e 4) *Notes or glossary at end of book* (notas ou glossário no final do livro). A essa lista, Newmark (1998, p. 35) ainda propõe o acréscimo de dois outros métodos para adicionar informação suplementar ao texto traduzido: 5) *In translator’s preface* (no prefácio do tradutor) e 6) *In translator’s afterword or postscript* (no posfácio do tradutor ou texto adicional final).

Para Jeremy Munday (2014), em se tratando de metodologias de pesquisa de história da tradução, as fontes extratextuais são centrais. Por isso, Munday (2014, p. 64)<sup>v</sup> ressalta que “é relevante considerar o uso e o valor dos arquivos, manuscritos e, especialmente, artigos de tradutores e entrevistas para produzir uma história da tradução e de tradutores.”

A seguir são abordadas as manifestações discursivas dos tradutores presentes em textos suplementares (entrevistas e publicações dos tradutores) referentes às traduções de *Memórias póstumas de Brás Cubas* publicadas em inglês. Essas manifestações estão organizadas nos seguintes quatro aspectos: 1) com relação à profissão de tradutor; 2) com relação à teoria e prática de tradução; 3) com relação aos comentários que os tradutores fazem sobre as suas traduções e as de outros tradutores; e 4) com relação às razões pelas quais as obras de literatura brasileira a serem traduzidas chegam até os tradutores. A partir desses quatro aspectos busca-se evidenciar: a função dos tradutores como agentes perpetuadores da obra de Machado de Assis no mundo de língua inglesa ao longo de cinco décadas; o modo como o discurso do tradutor revela as motivações da tradução para o inglês de um romance brasileiro de Machado de Assis e de sua publicação em língua inglesa; e a forma como a literatura brasileira, particularmente a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, é “vista de longe”, pelos seus tradutores dos Estados Unidos.

### **1. Com relação à profissão de tradutor – formação**

William Leonard Grossman (1906-1980) e Gregory Rabassa (1922-2016), os dois tradutores estadunidenses de Machado de Assis, abordados neste estudo, não são profissionais do ponto de vista de terem formação universitária como tradutores. Nenhum deles é tradutor profissional formado em instituição acadêmica. Os dados pessoais e profissionais desses tradutores indicam que a prática da tradução teve início por razões diversas, inclusive as que podem se creditadas ao acaso (Rabassa), ao amor, à devoção, ou motivações de cunho profissional e pessoal (como aprender português, no caso de Grossman).

Segundo Rabassa (2005, p. 10)<sup>vi</sup>, ele se tornou tradutor por acaso, pois não se programou para ter esta profissão. Ele destaca que: a “tradução não foi um ofício que planejei seguir, nem eu me preparei conscientemente para seu exercício através de treinamento ou contemplação.” Na verdade, foi durante a II Guerra Mundial que Rabassa se envolveu com a tradução de textos e atividades de interpretação em Pearl Harbour, na ilha de Oahu, Havaí, como integrante do exército norte-americano (HATJE-FAGGION, 2001). Mais tarde, Rabassa se tornou professor universitário e tradutor de literatura brasileira.

Já William L. Grossman se tornou tradutor de Machado de Assis e se preparou para essa tarefa; se envolveu com a obra e os críticos do escritor, já que, anteriormente, tinha lido sua obra para aprender português, quando chegou ao Brasil a trabalho (SCHNEIDER, 1952,

---

HATJE-FAGGION. *Tradutores de Machado de Assis: vozes na História da Tradução. Belas Infêis*, v. 6, n. 2, p. 53-70, 2017.

p. 4). Em entrevista (Ibidem), Grossman diz que teve medo de iniciar o trabalho de tradutor da obra de Machado de Assis e, por isso, se preparou:

Aproximei-me dessa tarefa de traduzir o quase intraduzível com certo medo. Antes, embebi-me não só das obras de Machado, como da literatura sobre ele e o ambiente físico e espiritual, por ele frequentado. Beneficiei-me especialmente de certos escritos da Sra. Lucia Miguel Pereira e do Sr. Eugenio Gomes, e de uma conversa esclarecedora com este último.

Como se pode observar, Grossman evidencia a apreensão e o medo no papel de tradutor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A falta de preparo, de formação específica de tradutor, e a consciência do (ainda relativo) domínio de língua portuguesa e dos aspectos culturais necessários para fazer uma tradução mostram não apenas a preocupação do tradutor, mas sobretudo enfatizam o quanto é difícil fazer uma tradução. Ele teve de estudar a obra, a vida do escritor, bem como a crítica da obra (estudos acadêmicos diversos).

58 Em 1948, Grossman, advogado e professor de Economia da University of New York, foi trabalhar no Brasil, contratado pelo Ministério da Aeronáutica por quatro anos. Conforme Schneider (1952, p. 4), Grossman “teve que aprender português, e aprendeu-o lendo Machado (sic) Assis.” Nesse período em que esteve no Instituto Tecnológico de Aeronáutica de São José dos Campos, em São Paulo, Grossman fez a primeira tradução da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* para o inglês. E, segundo Schneider (1952, p. 4), “sua dedicação foi mais longe. Como não encontrasse editor, lançou o livro por sua conta, em São Paulo”.

## 2. Com relação à teoria e à prática de tradução – tradutores

Conforme já mencionado, Rabassa (2005, p. 10) não se programou nem se preparou formalmente para ser tradutor profissional, mas como estava em um meio em que se fazia tradução, durante a guerra, ele acabou se aperfeiçoando na prática tradutória.

Neste contexto, Rabassa (2005, p. 49-50)<sup>vii</sup>, ao começar a traduzir, teve de formular seu próprio método, com suas próprias técnicas. O tradutor emite opinião sobre o que seria uma boa tradução e a atrela ao conceito de leitura. Para ele, uma boa tradução é essencialmente uma boa leitura, já que cada autor tem um estilo próprio a ser considerado. Observe-se que Rabassa (2005, p. 27)<sup>viii</sup> não costuma ler primeiro a obra toda. O tradutor comenta (HATJE-FAGGION, 2001) que ele começa a ler a obra e já nessa primeira leitura vai fazendo a tradução, concomitantemente – esta é a sua técnica (ler e já ir traduzindo). A prática assídua de traduzir (Rabassa traduziu obras de mais de trinta autores) permitiu, então,

que ele criasse um método particular. Rabassa (2005, p. 17)<sup>ix</sup> salienta que descobriu, ao traduzir Machado de Assis e García Márquez, que “os mestres vão orientá-lo a traduzir a prosa deles na melhor tradução possível se você deixar se guiar pela expressão deles, seguindo o único caminho possível. Entretanto, se você parar para refletir terá perdido o rumo.”

Em 1997 e 1998, para traduzir duas obras de Machado de Assis, Rabassa (2005, p. 16)<sup>x</sup> afirma que se esforçou para encontrar palavras que são igualmente válidas em ambas as épocas, isto é, na época de Machado de Assis e na atual, e que esperava que elas perdurassem após essas épocas. Para Rabassa, esse escritor brasileiro escreveu o português mais duradouro (ou, até mesmo, mais que isso, já que foi um romancista) desde Camões.

Com relação à tradução de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Rabassa (2005, p. 158-159)<sup>xi</sup> salienta que “a tradução me mostrou que fui razoavelmente fiel ao original e ao estilo de Machado, no qual Sterne foi filtrado. Fico satisfeito em concluir que isto ocorreu naturalmente, sempre conduzido por Machado. Eu também penso que minha tradução traz o seu ceticismo deliberado.”

Com relação ao uso de notas de rodapé no texto traduzido, Rabassa (HATJE-FAGGION, 2001) destaca que não gosta de acrescentá-las, pois elas desviam a atenção do leitor. Como há notas de rodapé na sua tradução de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (todas creditadas à editora), Rabassa inclusive se mostrou surpreso e disse que não é o autor de nenhuma nota nas suas duas traduções (HATJE-FAGGION, 2001).

Já Grossman (1951, p. ix)<sup>xii</sup> gosta de elucidar algumas de suas estratégias tradutórias no prefácio que agrega a sua tradução, para evitar o excesso de notas de rodapé que ele, no entanto, julga necessárias.

Entretanto, diferente da tradução de Rabassa, que tem notas de rodapé, mas que são adicionadas ao seu texto traduzido pela editora (Oxford University Press), Grossman (1951, p. x) se declara o responsável pelas notas de rodapé que acompanham a sua tradução.

Grossman (1951) também revela sua concepção de traduzir ao tratar da formulação de sua tradução, no prefácio da primeira edição de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicada, em inglês, no Brasil. Grossman (1951, p. ix)<sup>xiii</sup> agradece a Arnaldo Pessoa, professor de português da Columbia University que repassou o texto com ele, página a página, resolvendo as dúvidas e, em alguns casos, oferecendo nova interpretação para não incorrer em erros de tradução; e a Joseph Morgan Stokes, “cujos comentários anotados sobre

meu primeiro rascunho estão refletidos nesta versão final.” Em entrevista a Schneider (1952, p. 4), Grossman também ressalta a relevante ajuda de Arnaldo Pessoa.

Nessas duas ocasiões, prefácio e entrevista, Grossman informa ao seu leitor de língua inglesa que a sua tradução teve dois revisores, que são mencionados nominalmente. Essa prática tradutória explícita, pois, o trabalho colaborativo empreendido pelo tradutor e seus colaboradores, e também que o produto final, a tradução publicada, não é trabalho exclusivo de uma única pessoa, o tradutor. Essa operação tradutória ratifica o conceito de tradutor sugerido por Ria Vanderauwera (1985), que entende o tradutor como vários agentes profissionais que concorrem na dinâmica do processo tradutório. Entretanto, ressalte-se que essas informações do tradutor sobre a colaboração importante e necessária desses dois professores foram removidas na edição publicada pela Noonday Press, nos Estados Unidos, em 1952. Essa atitude editorial acarreta prejuízo no que diz respeito ao processo colaborativo para a elaboração da tradução, porque omite o relevante trabalho dos dois revisores mencionados. Grossman (1951, p. x) inclusive atribui o débito da colaboração dos dois professores ao leitor de língua inglesa e a ele mesmo.

60

Grossman (SCHNEIDER, 1952, p. 4) também explicita o objetivo e a função de sua tradução quando afirma: “espero que a tradução dê a meus conterrâneos, que tanto leem sobre as riquezas econômicas brasileiras, melhor compreensão da riqueza espiritual do Brasil”. Seus conterrâneos americanos monolíngues irão, pois, poder alargar os seus horizontes e aproveitar melhor, por meio da tradução, a literatura brasileira de boa qualidade escrita ao sul do Equador.

Grossman (1951, p. ix-x), no prefácio da sua tradução de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, destaca as escolhas e os procedimentos de tradução que podem ser rastreados linguisticamente ao longo do texto traduzido. Grossman (1951, p. ix-x) se manifesta sobre suas escolhas e procedimentos tradutórios ao comentar sobre a unidade monetária corrente no Brasil, dar exemplos e apresentar conversões monetárias. Essas estratégias revelam a presença explícita do tradutor no texto traduzido (removidas na edição de 1952, nos Estados Unidos), implicando mudança não apenas no grau de maior e menor visibilidade do tradutor, mas também no processo tradutório como um todo, que leva em conta o leitor de chegada.

De acordo com Rabassa (2005), o tradutor, que “se encontra insatisfeito, mesmo com as traduções mais elogiadas”, nem por isso deverá ser publicamente “executado”! O tradutor, portanto, oscila sempre entre a consciência de perdas constantes, que não se podem recuperar, e de ganhos eventuais, que devem ser valorizados. Afinal, em última instância, a possível

traição, implícita em toda tradução, importa menos do que as pontes linguísticas e culturais criadas pelo tradutor: figura indispensável, sem a qual a literatura dita universal seria ainda mais provinciana. Rabassa sintetiza, pois, um conceito de tradução que envolve perdas e ganhos que se complementam em certa medida e beneficiam o novo leitor de uma dada obra.

### 3. Com relação aos comentários que os tradutores fazem sobre as suas traduções e a de outros tradutores da obra de Machado de Assis

Rabassa (2005, p. 158) destaca que conhece as traduções de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, de Machado de Assis. Ele as considera aceitáveis, mas salienta que não as (re)leu para fazer sua própria tradução e enfatiza que nunca aceitou a tradução estúpida dos títulos (HATJE-FAGGION, 2001).

Para Rabassa (2005, p. 158)<sup>xiv</sup>,

os dois romances que eu traduzi já haviam sido traduzidos não fazia muito tempo [*Memórias póstumas de Brás Cubas*, 1951 e *Quincas Borba*, 1954]. Eu achei as versões aceitáveis, mas nunca pude aceitar os títulos estúpidos dados numa tentativa evidente de traduzir as obras de forma mais explicativa e de aproximação, já no início, dos leitores de coisas brasileiras.

*Memórias póstumas de Brás Cubas* recebeu os seguintes títulos: *Posthumous memoirs of Brás Cubas* (1951, São Paulo editores) e *Epitaph of a small winner* (1952, Noonday Press). Já *Quincas Borba* foi intitulado *The heritage of Quincas Borba* (1954, W.H.Allen) e *Philosoher or dog?* (1997, Bloomsbury).

Clifford Landers (2001, p. 150)<sup>xv</sup> também chama atenção para o título dessa obra em inglês. Landers destaca que “o título traduzido tem mais impacto e é tematicamente mais apropriado que o do original.”

No prefácio a sua tradução, Grossman (1951, p. x) explica algumas peculiaridades brasileiras relacionadas: ao “conto”, que ele traduz por “*dollars*”, indicando/privilegiando, assim, o leitor de chegada; ao uso de nomes próprios e seus apelidos correspondentes, utilizados por famílias ricas; e aos nomes de localidades (subúrbios, distritos) citadas ao longo do texto, que são no Rio de Janeiro. Com relação às palavras estrangeiras, o tradutor explicita que todas as que foram empregadas no texto e não pertencem ao português são mantidas da mesma forma que Machado as utilizou, com exceção de uma, a palavra inglesa “*luncheon*” (capítulo 73), que foi modificada para “*afternoon snack*”/lanche da tarde, por ser este o significado dado por Machado de Assis.

Conforme já mencionado, Grossman (SCHNEIDER, 1952, p. 4) também revela informações sobre a função e o objetivo de sua tradução quando salienta que quer dar a conhecer ao leitor norte-americano obra da literatura brasileira para proporcionar “melhor compreensão da riqueza espiritual do Brasil”. Em seus textos suplementares, Grossman e Ellis revelam, pois, a importância da tradução para divulgar a literatura brasileira (em outras línguas).

Pela voz dos tradutores evidenciada, pode-se afirmar que quando traduzem, eles procuram privilegiar o leitor de língua inglesa e, também, manter o estilo do autor e os aspectos do texto de partida. Grossman tende a preservar o estilo do autor e a pontuação empregada, dando oportunidade a outros leitores de conhecer a literatura brasileira e dar melhor compreensão da riqueza cultural do Brasil. Rabassa sintetiza um conceito de tradução que envolve perdas e ganhos que se complementam em certa medida e beneficiam o leitor de uma nova cultura.

62

#### **4. Com relação às razões pelas quais as obras de literatura brasileira a serem traduzidas chegam até os tradutores**

Em seus textos suplementares, os tradutores ou outros agentes institucionais também revelam como as obras de literatura brasileira a serem traduzidas chegam até eles ou como eles entraram em contato com as obras que traduziram.

Para a teoria dos polissistemas (TOURY (1995), EVEN-ZOHAR (1979), um autor ou uma obra com prestígio no sistema literário de origem é, muitas vezes, selecionado/a para existir num sistema literário de chegada. No caso de Machado de Assis, os agentes institucionais costumam usar esse critério para selecionar as obras que vão traduzir e publicar (HATJE-FAGGION, 2001).

Grossman (1951, p. ix)<sup>xvi</sup>, já na primeira linha do prefácio a sua tradução de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, coloca Machado como “o maior escritor do Brasil” e enfatiza que a temática dos seus romances e contos, questões psicológicas e humor irônico, lhe proporcionaram reconhecimento internacional. Ele também observa que alguns dos romances desse escritor foram traduzidos e publicados em francês, espanhol e italiano. Pode-se presumir, pois, que esta posição de grande prestígio de Machado de Assis no sistema literário brasileiro foi uma das razões para selecionar obras do escritor a serem traduzidas.

Na introdução da tradução de Grossman, publicada pela Noonday Press (GROSSMAN, 1952, p. 14), parte importante do texto é removido (os agradecimentos aos

---

HATJE-FAGGION. *Tradutores de Machado de Assis: vozes na História da Tradução. Belas Infieis*, v. 6, n. 2, p. 53-70, 2017.

seus colaboradores, revisores), mas outra informação é adicionada para mencionar que há a tradução de *Memórias póstumas de Brás Cubas* para o alemão, além das outras línguas já citadas aqui anteriormente. Grossman cita ainda as traduções dos três contos de Machado de Assis na antologia de Isaac Goldberg. Ele menciona também que uma tradução de *Dom Casmurro* havia sido anunciada e, ainda, que ele escolheu *Memórias póstumas de Brás Cubas* por ser a obra mais inventiva e eloquente e porque a considera uma introdução apropriada de toda a obra. O tradutor também ressalta que em torno de vinte livros e várias obras mais curtas foram escritas sobre Machado de Assis, o que também revela seu prestígio como escritor. Grossman (1951, p. ix)<sup>xvii</sup> considera esse romance o melhor de Machado de Assis, o que (juntamente com os outros critérios elencados) provavelmente resultou na escolha (critério) para sua tradução.

Grossman (1952, p. 13)<sup>xviii</sup>, no prefácio a sua tradução de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicada nos Estados Unidos, também salienta que essa obra garantiu a reputação de Machado de Assis e que, muito antes dessa publicação, a crítica já tinha consagrado o autor como o melhor escritor do Brasil. Além disso, Grossman também atesta o prestígio de Machado de Assis ao frisar que ele foi o fundador e o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, permanecendo no cargo desde a sua fundação, em 1897, até a sua morte, em 1908, e que há uma estátua em sua homenagem em frente a esse prédio na Avenida Presidente Wilson, no Rio de Janeiro.

A imprensa dos Estados Unidos também ajuda a estabelecer a boa reputação de Machado de Assis. Por exemplo, na contracapa da tradução (GROSSMAN, 1952)<sup>xix</sup> de *Memórias póstumas de Brás Cubas* da editora Noonday Press, o texto da revista *Commonweal* posiciona essa obra em nível de literatura universal: “o romance merece seu lugar na literatura mundial e agradecemos muito a Grossman pela tradução para o inglês.” Dudley Fitts (*New York Times Book Review*), compara o escritor brasileiro a Flaubert, Hardy e James. Fitts trata da influência da técnica de Sterne e compara *Brás Cubas* a *George Apley* (do romance de John P. Marquand). Fitts (capa da tradução de *Memórias póstumas de Brás Cubas* da editora Noonday Press, GROSSMAN, 1952) também destaca a obra como “uma grande contribuição para a literatura americana”, o que revela o importante papel da tradução para a constituição deste sistema literário.

Como já mencionado, Grossman leu a obra de Machado de Assis com o objetivo de aprender português quando esteve a trabalho no Brasil no período de 1948 a 1952. Ele leu e

estudou as obras de um autor já conhecido da literatura brasileira à época (Machado de Assis morreu em 1908 – quarenta anos depois da chegada do tradutor ao Brasil).

Rabassa também explica como chegou aos autores que traduziu, dentre eles Machado de Assis. Segundo Rabassa (HATJE-FAGGION, 2001), a editora Oxford University Press o procurou para oferecer o trabalho de tradução de duas das três obras de Machado de Assis (*Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Cassmurro* e *Quincas Borba*), dentre as quais ele escolheu *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1997) e *Quincas Borba* (1998). Rabassa (2005, p.160)<sup>xx</sup> lamenta que, como tradutor, chegou tarde a Machado de Assis, uma vez que já o tinha lido, estudado e ensinado. Rabassa (2005, p.157)<sup>xxi</sup> ainda confessa que somente se sentiu realizado como tradutor depois que traduziu essas duas obras de Machado de Assis. Rabassa (2005, p. 157)<sup>xxii</sup> enfatiza a posição de prestígio da obra de Machado de Assis no sistema literário de origem, o brasileiro, ao destacar que a série Latin American series (LOLA), da Oxford University Press, que publicou traduções de países que incluem obras brasileiras, “foi algo muito importante, pois abriu os olhos e foi uma revelação para muitos leitores que nunca haviam tido contato com as excelentes obras vindas do sul.” Ainda para Rabassa (2005, p. 157)<sup>xxiii</sup>, “a tradução de obras de Machado de Assis pela Oxford University Press ajudou a transpor a barreira da ignorância.”

Na entrevista concedida ao Jornal *A Manhã*, Grossman (1952, p. 4) relata a dificuldade de publicar uma tradução de literatura brasileira nos Estados Unidos, principalmente pela falta de interesse dos leitores do seu país. Ele ainda destaca que durante suas férias nos Estados Unidos, no começo dos anos 1950, tentou publicar a tradução de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e a ofereceu a várias editoras, mas sem obter sucesso. Ele procurou a editora A. A. Knopf, em New York, mas o editor encarregado das obras estrangeiras, que leu o romance *Braz Cubas*, embora o tenha achado “fascinante”, disse que encontraria poucos leitores nos Estados Unidos [e, por isso, não foi publicado pela Knopf]. (1952, p. 4).

Grossman (1952, p. 4) salienta que, em 1952, após várias tentativas de publicar a tradução, por intermédio de um amigo poeta, Cecil Hemley, ele finalmente conseguiu publicá-la em New York pela Noonday Press, “pequena casa editora que só publica livros que fogem do padrão usual, e destinados a uma pequena elite, e em reduzidas tiragens de 3.000 exemplares”.

Segundo Schneider (1952, p. 4), se a tradução de *Memórias póstumas de Brás Cubas* tivesse boa aceitação, Grossman iria traduzir também *Quincas Borba*: “caso venha a ter boa aceitação, William Grossman traduzirá também o “Quincas Borba”. Esse romance foi

traduzido e publicado dois anos depois da publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* nos Estados Unidos, mas por uma tradutora, Clotilde Wilson. *Quincas Borba* foi publicado pela editora W. H. Allen, em 1954, com o título de *The heritage of Quincas Borba*.

Ressalte-se a mudança de atitude da editora Alfred Knopf com relação à publicação de literatura brasileira na década seguinte (1960). A editora, que não tinha contemplado o desejo de William L. Grossman de publicar sua tradução de *Memórias póstumas de Brás Cubas* no início dos anos 1950, mudou de postura no início dos anos 1960. Rabassa (2005)<sup>xxiv</sup> comenta que, em 1962, Alfred Knopf o convidou para um almoço para falar de obras brasileiras. Knopf, que tinha se casado recentemente no Rio de Janeiro, estava mais próximo e afeito ao Brasil e expressava interesse pelos seus escritores.

Pelo exposto, pode-se observar que dez anos antes (1950), o editor da editora Alfred Knopf recusou a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, (sugerida por Grossman); mas, dez anos mais tarde, o próprio dono da editora (Knopf) decide publicar obras brasileiras diversas movido sobretudo por razões pessoais e emocionais (vínculo afetivo que o ligava com o Brasil, onde se casou com a sua segunda mulher, que foi uma autora com obra publicada pela editora, e onde foi padrinho do neto de Gilberto Freyre).

Como se demonstrou, Machado de Assis inicia uma bela carreira internacional ao ser levado em uma mala de viagem, literalmente, por um economista americano (Grossman), que estava no Brasil por razões profissionais e produziu uma tradução em língua inglesa de uma das obras brasileiras em evidência no momento. E, também, porque foi opção de leitura de um militar a serviço do exército norte-americano (Rabassa).

### **Considerações finais**

Neste ensaio, tentou-se mostrar como o discurso de dois tradutores estadunidenses de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, William Grossman e Gregory Rabassa, revela as motivações da tradução para o inglês desse romance brasileiro e de sua publicação em língua inglesa.

Conforme os dados apresentados evidenciam, a voz desses dois tradutores explicitada em diferentes textos suplementares (prefácios, notas de rodapé, entrevistas e publicações) tratam de questões de poética, marketing, poder, ideologia, cultura e, principalmente, de motivação pessoal, e parecem atender, em grande medida, às expectativas dos novos leitores, os de língua inglesa.

Tanto Grossman quanto Rabassa comentam que instituições americanas e britânicas (particulares/públicas), corporativas ou acadêmicas, patrocinaram algumas das traduções, e que a questão de devoção pessoal também teve grande importância na circulação da obra.

As instâncias de materialização linguística da prática tradutória do tradutor, a decisão/a opção consciente de deixar marcas linguísticas e culturais, informações locais, costumes, dinheiro/unidade monetária, no texto traduzido, indicam uma concepção de tradução que ora vem alinhada ao texto de partida, ora ao texto traduzido. Indicam, também, as várias razões que estão na dinâmica do processo tradutório ao originar em tradução um romance brasileiro no mundo de língua inglesa.

Grossman e Rabassa explicitam as dificuldades que não puderam vencer sozinhos e que dizem respeito ao estilo do escritor e aos aspectos culturalmente marcados presentes na obra que traduziram. As fontes extratextuais citadas e os exemplos retirados das traduções revelam uma concepção do traduzir, uma forma de entender e realizar a tradução que está materializada nos romances de Machado de Assis no mundo de língua inglesa.

66

As afirmações dos dois tradutores em diferentes textos suplementares se mostram, pois, muito úteis para mapear as estratégias escolhidas pelos tradutores que, por sua vez, fornecem a base dos critérios empregados na cultura norte-americana entre os anos de 1951 e 1997 – na história de tradutores e traduções da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* em inglês.

Os dois tradutores de Machado de Assis, cada um a seu modo, caracterizam os agentes iniciadores e facilitadores das traduções. São, pois, como destaca Rabassa, criadores de pontes linguísticas e culturais que levam a obra produzida num sistema literário para outro, promovendo o encontro da obra com o Outro (país, cultura, leitor, linguagem).

Grossman e Rabassa defendem concepções semelhantes sobre a teoria e prática da tradução, já que procuram se alinhar ao texto de partida e ainda buscam privilegiar as expectativas do leitor de chegada. Para Rabassa, a noção de traduzir é diferente da noção de reescrever uma obra, um texto em inglês. Em outras palavras, traduzir é mais do que somente reescrever, escrever em outra língua; é levar em consideração aspectos que envolvem o estilo do autor, a cultura e a linguagem (seu uso particular) do texto de partida.

Tradutores como Grossman merecem aplausos brasileiros, pois foi pela sua devoção, gratidão e esforço que se viu publicado o primeiro romance traduzido de Machado de Assis para o inglês.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelos tradutores e graças àqueles que não se deixam esmorecer (Grossman), Machado de Assis sobrevive no sistema literário anglo-americano para os leitores de língua inglesa. Os dois tradutores estadunidenses continuam fomentando o processo de reconhecimento da universalidade de Machado de Assis, de manutenção desta sobrevida do escritor, levando a sério um autor local, de modo a convencer inclusive agentes de poder (editoras/patrocinadores) a também reconhecer o escritor universalmente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSNETT, Susan. From comparative literature to translation studies. In: **Comparative literature**. Oxford, UK and Cambridge, USA: Blackwell, 1993. p. 138-161.

BASSNETT, Susan. Researching Translation Studies: the case for doctoral studies. In: BUSH, Peter; MALMKJAER, Kirsten. (Org.) **Rimbaud's rainbow**: literary translation in higher education. Amsterdam: John Benjamins, 1998, pp. 105-118.

EVEN-ZOHAR. Itamar. Polysystem studies. In: **Poetics Today**, v. 1, n. 11, 1990.

GENETTE, Gérard. Introduction. In: \_\_\_\_\_. **Paratexts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 1-15.

GROSSMAN, William L., Translator's Preface. In: J. M. Machado de Assis, **The Posthumous memoirs of Brás Cubas**. Traduzido por: William Grossman. São Paulo: São Paulo Editores, 1951.

GROSSMAN, William L. Entrevista concedida a Otto Schneider. *Jornal A manhã*, Suplemento de domingo, em 11 de maio de 1952, p. 4.

HATJE-FAGGION, Válmí. Entrevista Rabassa. As traduções de romances de Machado de Assis. Entrevistadora: Válmí Hatje-Faggion. New York City, Estados Unidos. 2001. 02 cassetes sonoros (60 min.). Entrevista concedida à pesquisa de tese de doutorado *The translator's discursive presence in translated discourse: Machado de Assis' five novels in multiple English translations*. 14 de setembro de 2001a.

HATJE-FAGGION, Válmí. **The translator's discursive presence in translated discourse: Machado de Assis' five novels in English multiple translations**. 2001. 313 f. Tese (Centre for Translation Studies - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução— Mestrado e Doutorado) - University of Warwick, Coventry, Inglaterra, 2001b.

LANDERS, Clifford. E. **Literary translation: a practical guide**. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.

MACHADO DE ASSIS, J. M. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1984.

\_\_\_\_\_. **The posthumous memoirs of Brás Cubas.** Traduzido por: William Grossman. São Paulo: São Paulo Editores, 1951.

\_\_\_\_\_. **Epitaph of a small winner.** Traduzido por: William Grossman. New York: Noonday Press, 1952.

\_\_\_\_\_. **Posthumous reminiscences of Braz Cubas.** Traduzido por: E. Percy Ellis. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

\_\_\_\_\_. **The posthumous memoirs of Brás Cubas.** Traduzido por: Gregory Rabassa. New York and Oxford: Oxford University Press, 1997.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **The psychiatrist and other stories.** Traduzido por: William L. Grossman e Helen Caldwell. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, [1963] 1966.

MUNDAY, Jeremy. The role of archival and manuscript research in the investigation of translator decision-making. In: **Target** 25 (1), 2013, p. 125-139.

MUNDAY, Jeremy. Using primary sources to produce a microhistory of translation and translators: Theoretical and methodological concerns. In: **Translator** 20 (1), 2014, p. 64-80.

68 NEWMARK, Peter. **A textbook of translation.** New York, London: Prentice Hall, 1988.

PONTIERO, Giovanni. Luso-Brazilian voices. Anyone care to listen? In: **The Translator's Dialogue:** Giovanni Pontiero, ed. by Pilar Orero, and Juan C Sager. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins. 1997, p. 49-54.

RABASSA, Gregory. As traduções de romances de Machado de Assis. Entrevistadora: Válmi Hatje-Faggion. New York City, Estados Unidos. 2001. 02 cassetes sonoros (60 min.). Entrevista concedida à pesquisa de tese de doutorado The translator's discursive presence in translated discourse: Machado de Assis' five novels in multiple English translations.

RABASSA, Gregory. **If this be treason:** translation and its discontents: a memoir. New York: New Directions Book, 2005.

\_\_\_\_\_. Introduction. In: LINS, Osman. **Avalovara/ Avalovara.** Traduzido por: Gregory Rabassa. Normal, Illinois: Dalkey Archive Press, 2002. p. vii-xi.

SCHNEIDER, Otto. GROSSMAN, William L. Entrevista concedida a Otto Schneider. **Jornal A manhã**, Suplemento de domingo, em 11 de maio de 1952, p. 4.

VANDERAUWERA, Ria. **Dutch novels translated into English.** Amsterdam: Rodopi, 1985.

**RECEBIDO EM:** 18 de agosto de 2017

**ACEITO EM:** 30 de outubro de 2017

**PUBLICADO EM:** dezembro de 2017

---

\* Válmí HATJE-FAGGION. É Professora Associada no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Estudos da Tradução (2001) pela The University of Warwick, Grã-Bretanha (2001). Mestre em Letras (1995) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduada em Letras Português/Inglês e Literaturas Correspondentes (1991) pela UFSM. Foi Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília (POSTRAD/UnB) de 2013 a 2015. As suas pesquisas e publicações contemplam história e crítica de tradução e tradutores e tradução/adaptação audiovisual. Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7237687470210729> E-mail: [hatjefaggion@yahoo.com](mailto:hatjefaggion@yahoo.com)

<sup>i</sup> Ver também HATJE-FAGGION, 2001.

<sup>ii</sup> “*Machado has begun to receive his just due as his translations prosper somewhat, but it has taken too long.*”  
Todas as traduções são minhas.

<sup>iii</sup> “[...] *the promotion of Luso-Brazilian writers has been largely in the hands of individual scholars and translators devoted to Luso-Brazilian literature. [...] more and more literary agents in Europe and the United States sign up [...] Brazilian authors and national institutions within [...] Brazil begin to promote their own culture seriously.*”

<sup>iv</sup> “[...] *a rich field to be explored further are the statements made by translators, not only in prefaces to editions but in letters and journals.*” ; “[...] *this type of text has received relatively little attention until recently, having been judged as marginalia, but in terms of mapping out strategies used by translators in order to have some idea of the criteria employed by given cultures at given moments in time, all texts that shed light on the translation process are important.*”

<sup>v</sup> “[...] *examines the use and value of archives, manuscripts and, especially, translator papers, post-hoc accounts and interviews in producing a history of translation and translators.*”

<sup>vi</sup> “*Let me commit an act of treason against myself now by confessing that translation was not a métier I had set out to follow, nor did I prepare myself for it with any conscious training or contemplation [...].*”

“*I have always thought that I just stumbled into translation because it was there, serendipity, but with my wiser retrovision I can see that I harbored certain traits that fit nicely in with the needs of translation and which I have honed sharp through use.*”

<sup>vii</sup> Note-se que, quando traduziu *Avalovara*, de Osman Lins, Rabassa (2002) enfatiza a importância e os benefícios não só da primeira leitura dessa obra complexa a ser traduzida, mas inclusive da necessidade de uma segunda leitura para poder compreender a obra e somente, então, fazer a tradução do texto para o inglês. Depreende-se daí que o tradutor atualiza seus conceitos de leitura e de traduzir conforme cada caso.

<sup>viii</sup> “*I translated the book as I read it for the first time (Rayuela by Julio Cortázar). [...] This would become my usual technique with subsequent books [...] loath as I am to confess that I was just too lazy to read the book twice [...].*”

<sup>ix</sup> “*As I discovered translating Machado de Assis and García Márquez, the masters will enable you to render their prose into the best possible translation if you only let yourself be led by their expression, following the only possible way to go. If you ponder you will have lost the path.*”

<sup>x</sup> “*Translating Machado de Assis, who wrote the most enduring Portuguese since Camões (perhaps even more so, given the fact that he was a novelist), I try hard to find words that are equally valid in his time and in ours and which will endure beyond both ages.*”

<sup>xi</sup> “*The translation did show me, however, that I must have been reasonably faithful to the original and to Machado’s style, into which Sterne must have filtered. I’m pleased that this came about quite naturally as Machado led me along. I also think that my translation somehow conveyed his Pyrrhonian skepticism.*”

<sup>xii</sup> “[...] *a few points at this point will avoid a superfluity of footnotes. Those that cannot be avoided are in every case the translator’s.*”

<sup>xiii</sup> “*The reader and I am indebted to Arnaldo Pessoa, who went through the text with me, page by page, resolving many of my doubts and in some cases volunteering an interpretation where I might otherwise have fallen into error; to Joseph M. Stokes, whose discerning comments on my first draft are reflected in the final version; [...].*”

<sup>xiv</sup> “*The two novels I translated had, indeed, been done and not so long ago. I found the versions quite acceptable but I could never accept the asinine titles assigned them in an evident attempt to render the books a bit more explicable and approachable at the start for readers far removed from things Brazilian.*”

<sup>xv</sup> “\*indicates a title with more impact or more thematically appropriate than the original”.

<sup>xvi</sup> “*Machado de Assis (1839-1908) is Brazil’s greatest man of letters. The psychological insight and ironic humor of his best novels and shorter stories have won him international applause. Versions of some of his novels have been published in French, Spanish, and Italian. Twenty-odd books and innumerable shorter essays have been written about him. His statue appears on Avenida Presidente Wilson in front of the building of the Brazilian Academy of Letters, for he was the Academy’s first president [...].*”

---

<sup>xvii</sup> “The creative release of inhibited sentiments makes the *Memoirs* the liveliest and the most inventive of Machado’s novels. Its translation into English has been long overdue.”

<sup>xviii</sup> “The book greatly enhanced Machado’s already secure reputation. Before long, critical opinion established him as Brasil’s leading man of letters. The Brazilian Academy of Letters unanimously elected Machado its president, a title that he held from the founding of the Academy in 1897 till his death in 1908.”

<sup>xix</sup> Commonweal: “the novel well deserves its established place in world literature, and we cannot but thank Mr. Grossman for making it available to the English-speaking.”

<sup>xx</sup> I came to Machado de Assis late as a translator and I think it was meet. I had read him, studied him, and taught him.

<sup>xxi</sup> it still wasn’t until I did two of Machado de Assis’s masterpieces that I felt fulfillment as a translator.

<sup>xxii</sup> “When Oxford University Press inaugurated its Latin American series it was a great eye-opener and revelation for many whose literary experiences had never partaken of a lot of fine books from the south.”

<sup>xxiii</sup> “Machado was one of the greats Who had broken through the barrier of ignorance.”

<sup>xxiv</sup> “He had recently been married in Rio de Janeiro and this had increased his warm feeling for the country and his interest in its writers.”